

**Sonhos e promessas: a construção de uma memória quilombola na Bacia e Vale do Iguape
(Cachoeira – Bahia)**

A comunicação trata de dois eventos festivos nos quilombos da Bacia e Vale do Iguape de Cachoeira (Bahia). As festas são diferentes em articular inovação e tradição, a primeira sendo mais moderna em relação as manifestações locais e a segunda mais tradicional. Ambas mobilizam práticas da religiosidade afro-brasileiras (oferendas, inspiração religiosa) que permitem tanto a transmissão da memória quanto sentimentos de adesão à uma identidade quilombola que a própria festa comunica.

A Festa da Ostra é uma manifestação de ampla visibilidade local e faz parte dos eventos de ‘turismo étnico’ divulgados na região. A festa, que mobiliza as comunidades quilombolas da região e as redes mais amplas de parentela e amizade que se estendem até Salvador, ocorre na comunidade do Kaonge. Trata-se de uma comunidade quilombola que incluiu, no seu espaço físico, uma escola e um terreiro de Umbanda, e que é muito ativa nas manifestações culturais, de turismo étnico e no engajamento político. A festa é organizada pelos cultivadores de ostras, pelo núcleo de Turismo Étnico Rota da Liberdade e pelos demais núcleos produtivos existente nas comunidades quilombolas. Em 2015, na sua VII edição, podemos assistir a importantes experimentos associativos (1º Encontro de Lideranças das Comunidades Quilombolas do Território de Identidade do Recôncavo e agenda de reivindicação junto a políticos locais e funcionários estaduais); de economia solidária (venda de produtos das comunidades); culinários (oficinas de comidas típicas, degustação de ostras), artísticos (brincadeiras infantis, grupos de samba de roda, dança afro, capoeira, apresentação do grupo teatral ‘Nego Fugido’ de Acupe, apresentação das “Caretas do Paraguaçu”); estéticos (decoração do evento, desfile com indumentária afro); performático (leilões). A Festa da Ostra também se fundamenta como uma prática tradicional da devoção afro-brasileira. A preparação do Caruru (prato da culinária afro-baiana) ofertado a Vungi (os Ibejis, entidades da religiosidade afro-brasileira) mobiliza, na véspera da festa, a comunidade e representa o cumprimento de uma promessa. Pode-se recuperar esta dimensão ritualística da oferenda considerando o valor transformativo (e não repetitivo e representativo) de símbolos e de atos de cunho ritualístico (TAVARES & BASSI, 2012). O ato originário de cunho ritualístico, isto é, a preparação do Caruru de Vungi (chamado *ajeum*, ‘banquete para os orixás’) é, para seus organizadores, a maneira de impregnar a fundação da festa da Ostra com a definição coletiva

da uma *presença* : a própria comunidade quilombola se apresenta na sua ‘plenitude’, isto é, nas suas metas alcançadas, como a Dona Juvani expressa na suas palavras durante o evento. Uma certa ‘verdade’ esta sendo assim reiterada convocando entre os humanos a presença protetora de Vungi (Vungi é o termo Angola que corresponde aos Ibeji na tradição Nagô), a oferenda mobilizando entre os devotos uma imagem da própria realidade identitária, refletida tanto na proteção das entidades da religião afro-brasileira, como nos alcance de seus objetivos econômicos e políticos. Uma ‘presença’ quilombola plena se faz concreta nesse momento (em caso contrario ficaria mais indefinível e impalpável), e vai se explicitar em outras instancias da festa (na suas políticas, sua estética, etc.). Segundo um certo paradoxo, a ‘inovadora’ festa da Ostra, na sua aparência de um festival gastronômico, atua igualmente na transmissão da tradição religiosa, num processo de construção do memorável.

A festa de São Roque, uma das mais antigas das comunidades quilombolas da região, é caracterizável como um resgate da tradição. A própria origem da festa remete a acontecimentos que marcaram profundamente a comunidade quilombola do Engenho da Ponte, decorrente de atos de devoção relacionados a surtos de varíola, sarampo e catapora ainda no início do século XX. Nessa comunidade existe um pé de gameleira e um poço de água curativa, local conhecido pelo nome de “Pé do Velho”, onde os negros escravizados se reuniam para fazer suas rezas, oferendas e outras obrigações rituais. Como é sabido, desde o Brasil colonial as expressões religiosas de matriz africanas se mantinham em segredo como estratégia de resistência à imposição do catolicismo dos Senhores de Engenho. Muitas festas, narrativas e histórias sincretizam os arquétipos do santo católico (São Roque) com os orixás (no caso, Omolu, orixá da doença, e Nanã, orixás conhecidos como “os velhos”). Contam os moradores do Engenho da Ponte que todo mês de agosto (mês de Omolu) aparecia um velho descalço andando lentamente pela comunidade com um saco de linhagem, uma cabaça na costa e uma cuia na mão pedindo esmola nas casas. A grande mortandade de crianças e adultos provocada pelas epidemias fizeram com que as pessoas desse lugar reconhecessem naquele velho um sinal da devoção ao velho orixá, Omolu. Os moradores se reuniram, então, ao “Pé do Velho” e fizeram uma promessa a São Roque, pedindo para por fim à mortandade e prometendo a realização da festa em seu louvor. Durante os anos de 1990 e 2000 não foi celebrada, vindo a ser resgatada em 2009 por iniciativa dos moradores do Engenho da Ponte, estimulados pela então nascente organização do Conselho Quilombola. A festa se apresenta, portanto, como fenômeno ‘moderno’ de revitalização festiva e

religiosa, através de uma sua inserção na agenda da política cultural local. Todavia, junto com as ações coletivas, no resgate Festa de São Roque aparece a relevância de uma sabedoria inspirada, associada à escuta das ‘palavras’ dos orixás durante os sonhos : foi durante um sonho da líder comunitária, a citada Juvane, que a renovação da festa encontrou fundamento e impulso. Foi durante um Encontro de Mestres e Aprendizes Griôs do “Projeto Bagagem”, realizado em Lençóis (BA), em 2008, que Juvane, mãe-de-santo mas também Mestre Griô, sentiu-se inspirada para determinar a revitalização da Festa de São Roque por meio da “Esmola Cantada”: a inspiração procedeu de um *sonho* no qual se fez clara para ela a importância de não deixar a festa extinguir-se. A retomada da devoção a São Roque se apresenta, assim, no âmago das práticas das religiões afro-brasileiras que se apóiam tradicionalmente em revelações oníricas (forma de adivinhação inspirada) para estabelecer suas injunções. Tocamos aqui a questão do resgate e do fortalecimento de antigas tradições a traves de uma dimensão ‘espiritual’, além das instancias políticas em pauta. Na análise etnográfica, em ambas as festas, notamos a construção de uma memória cujas dimensões mais significativas fluem na direção dos afetos comunitários e de pertencimentos veiculados por práticas religiosas que reforçam memórias e revelam identidades.